POR UMA HISTÓRIA DO SENSÍVEL: AMOR, CRIME E SEDUÇÃO, CAJAZEIRAS PARAÍBA, 1920- 1940[1]

Katiana Alencar Bernardo[2]

RESUMO

Esse trabalho objetiva analisar a partir da História das Sensibilidades, as Histórias de Homens e mulheres que viveram no alto sertão Paraibano nas décadas de 1920-1940. Problematizar escolhas, razões e sentimentos que percorriam os crimes de sedução, defloramento e infanticídio é uma das possibilidades de discutir como esses indivíduos traduziam o mundo em razão e sentimentos, ou seja, os sujeitos aprendiam a pensar e a sentir. Nessa perspectiva, transcrevemos 13 processos crime que foram digitalizados no decorrer do desenvolvimento do projeto PIBIC e que pertencem ao Fórum da cidade de Cajazeiras. Desses 13 processos, pretendemos discutir aqui a análise de 4 casos, que embora, tenham acionado a justiça para serem resolvidos, apontam o envolvimento de casais que mantinham um relacionamento amoroso antes da denúncia. Pretendemos como apontou, Arlette Farge empreender um estudo dos mecanismos de racionalidades que faziam nascer sofrimentos e prazeres. É neste sentido, que pretendemos trabalhar a partir das sensibilidades, problematizando os modos de sentir de homens e mulheres que se envolveram nos chamados crimes de amor. Mais uma vez reforçamos que trabalhar com a história das sensibilidades não é tentar sentir ou reviver os sentimentos passados, mas, tentar explicar como poderia ter sido a experiência sensível de um outro tempo pelos rastros que deixou.

Palavras-chave: Sensibilidades. Processos-crime. Relações amorosas.

INTRODUÇÃO

O presente trabalho tenta compreender a partir da história das sensibilidades como as relações amorosas em cajazeiras - PB, são acionadas e vivenciadas pelos personagens envolvidos nos chamados "crimes de amor", analisaremos os modos de sentir de homens e mulheres, atentando-nos para as escolhas e as razões por esses empreendidas, logo também pensaremos os lugares agenciados para o feminino e o masculino problematizando-os através de uma análise de gênero, entendendo o enquanto uma construção social e não natural.

O Período discutido são as primeiras décadas do século XX. Com o advento da República uma série de discursos passaram a ser acionados, tendo como contexto as experiências permeadas pela modernidade. Esses discursos em torno do moderno produziam valores morais institucionalizados, principalmente por médicos higienistas e juristas em torno sobretudo da sexualidade feminina e da forma como era empreendida as relações amorosas.

Muitos trabalhos já foram produzidos pensando esse contexto e também essas relações através das fontes judiciais, dentre estes Marta Abreu Esteves (1989), Sueann Caufield (2000), no qual problematizavam o cotidiano dos populares no Rio de janeiro e

---

[1] Este trabalho é resultado de discussões realizadas no projeto de pesquisa "Por uma Cartografia das Práticas Amorosas: os crimes de amor enquanto espaço de outras sensibilidades – Cajazeiras, Paraíba (1890-1940)" (PIBIC/CNPq/UFCG), sob a orientação da professora Rosemere Olímpio de Santana (UFCG/CFP/UACS).

[2] Bolsista PIBIC/CNPq/UFCG e graduanda em História pela Universidade Federal de Campina Grande, campus de Cajazeiras (UFCG/CFP).

a forma como vivenciavam as relações amorosas, as suas análises especialmente empreendem uma discussão em tornos dos discursos juristas para com essas relações e as formas como os personagens se apropriavam desses discursos.

Para o sertão Paraibano poucas ainda são as discussões em torno dessas relações. Alguns trabalhos monográficos já apontam para esta perspectiva, é neste sentido que a pesquisa PIBIC é encaminhada, porém não nos pautamos apenas no discurso jurídico, mas por uma análise do sensível, pensaremos então essas histórias por meio da sensibilidade atentando-nos para as maneiras de sentir e se relacionar de homens e mulheres.

SENSIBILIDADE ENQUANTO UM CAMPO DE ESTUDO

Durante muito tempo pensar o campo do sensível, não foi possível. Uma vez que grande parte dos historiadores e historiadoras, estavam preocupados com questões estruturalistas, acreditando que o passado através dos seus rastros, não poderiam deixar-nos aproximar dos sentimentos vivenciados por homens e mulheres. Segundo Pesavento (2004), com o advento da história cultural a partir da década de 1970, tornou-se possível uma ampliação do campo de estudo e também das fontes tornando-se assim admissível para os historiadores trabalharem o campo do subjetivo.

De fato, reviver as experiências sensíveis não é a nossa intenção ao entrarmos em contato com essas histórias, mas podemos sim, tecer como poderia ser possível a vivência destas relações. Tendo em vista que as formas de amar e sentir, são compartilhadas dentro de uma dada sociedade, embora muitas vezes essas não sejam vivenciadas da mesma maneira. Optamos assim por trabalhar no campo, do que atualmente se denomina de História das Sensibilidades, uma vez que pretendemos discutir as diversas formas de amar de homens e mulheres presentes nos crimes de amor.

Para Fredérique Langue (2007), a história das sensibilidades possibilita ainda fazer uma história da resistência e da alteridade, pois além de poder falar daqueles momentos e sensações que não são iguais aos que hoje sentimos e vivemos, pode também falar daqueles que por muito tempo foram excluídos não só da história, como também do que sentiam, foram silenciados, homens e mulheres comuns, que foram deixados a margem da história.

Pesavento também chama a atenção ao alertar o cuidado ao trabalhar com o campo do sensível:

> As sensibilidades são sutis, difíceis de capturar, pois se inscrevem sob o signo da alteridade, traduzindo emoções, sentimentos e valores que não são mais os nossos. Mais do que outras questões a serem buscadas no passado, elas evidenciam que o trabalho da história envolve sempre uma diferença no tempo, uma estrangeiridade com relação ao que se passou por fora da experiência do vivido. (PESAVENTO, 2007, p.15)

Para Pesavento, o entendimento da sensibilidade se dá como outra forma de apreensão do mundo para além do conhecimento científico. As sensibilidades corresponderiam a este núcleo primário de percepção e tradução da experiência humana que se encontra no âmago da construção de um imaginário social. “O conhecimento sensível opera como uma forma de reconhecimento e tradução da realidade que brota não do racional ou das construções mentais mais elaboradas, mas dos sentidos, que vêm do íntimo de cada indivíduo”. (PESAVENTO, 2007)

Ainda segundo a autora a preocupação com as sensibilidades na História Cultural trouxe para os domínios da História a emergência da subjetividade nas

preocupações do historiador. É a partir da experiência histórica pessoal que se resgatam emoções, sentimentos, ideias, temores ou desejos, o que não implica abandonar a perspectiva de que esta tradução sensível da realidade seja historicizada e socializada para os homens de uma determinada época. Os homens aprendem a sentir e a pensar, ou seja, a traduzir o mundo em razões e sentimentos.

"Reconstruir (...) as emoções relacionadas" e "imaginar as relações sociais": cremos ser esta a pretensão de boa parte dos historiadores quando em contato com os documentos, com as histórias de amor, com os bilhetes apaixonados de finais não tão felizes. Pesavento (2007) nos estimula a reconstruir estes sentimentos, indicando "sensibilidades: escrita e leitura da alma, que mesmo sendo as sensibilidades uma leitura da alma", ou seja, uma experiência única, não significa que ela seja intransferível; neste sentido, "ela pode ser também compartilhada, uma vez que é, sempre, social e histórica".

Nesta perspectiva, embora a sensibilidade esteja relacionada à experiência histórica pessoal, ela também pode ser socializada entre os indivíduos de uma mesma época: "os homens aprendem a sentir e a pensar, ou seja, a traduzir o mundo em razões e sentimentos através da sua inserção no mundo social, na sua relação com o outro. " (PESAVENTO, 2007, p. 14).

É neste sentido, que pretendemos trabalhar a partir das sensibilidades, pois, nos permite problematizar os modos de sentir de homens e mulheres que se envolveram nos chamados crimes de amor. Mais uma vez reforçamos que trabalhar com a história das sensibilidades não é tentar sentir ou reviver os sentimentos passados, mas, tentar explicar como poderia ter sido a experiência sensível de um outro tempo pelos rastros que deixou[3].

OS CRIMES DE AMOR, UMA ANÁLISE DO SENSÍVEL

As histórias que aqui serão problematizadas, burlam e irrompem com determinados valores que eram vivenciados e compartilhados no inicio do século XX, para tanto não impedem que os personagens em especial as mulheres presentes nessas histórias não desejassem e compartilhassem dos valores sociais determinados.

Estamos admitindo que determinados valores eram compartilhados, mas também vivenciados e experimentados de maneiras diferentes; nem mesmo no interior de grupos coesos as regras estabelecidas eram partilhadas e interpretadas da mesma forma. Como afirma Certeau (1994), apesar da rede de vigilância, uma sociedade inteira não se reduz a ela, pois existem outros procedimentos populares que jogam com estes mecanismos de disciplina e não se conformam com ela a não ser para alterá-los.

É nesse sentido que Certeau (1994) nos mostra como os sujeitos são capazes de recriar estratégias para driblar o que lhe é imposto, com táticas sutis, silenciosas e camufladas

Pensaremos o amor nessas histórias, as razões e as escolhas traçadas por essas mulheres para vivenciarem seus romances e as formas de amar e sentir, sempre atrelados ao seu contexto histórico como também as especificidades que as fontes judiciais têm em sua produção. Propomos assim entender os sentidos postos nestas.

[3] Natalie Davis, ao escrever o retorno de Martin Guerre, também discute a possibilidade de conhecer algo da experiência de pessoas que viveram, sentiram, mas que ficaram perdidas nas brumas do passado. Natalie Davis, não ficou apenas na produção literária, também investiu e participou da produção cinematográfica. A experiência de poder reconstruir os sentimentos dos personagens na figura de cada autor possibilitou ainda mais reconhecer esses personagens como pessoas "reais".

Um dos casos que suscita inúmeras questões é o defloramento de Maria Luiza da Conceição em 1932 que aconteceu no sitio tambor de Cajazeiras-PB. Esse caso nos chama atenção pela complexidade das relações que são travadas, pois Maria foi raptada pelo noivo de sua irmã. Em uma primeira análise percebemos que a proposta de rapto foi negada pela irmã de Maria, mas não por ela. Depois de três meses na casa de uma suposta amiga do raptor, Maria adoece e procura uma parteira "diplomada" para consultá-la, as parteiras entram em cena no cotidiano das mulheres sertanejas.

O diagnóstico é uma doença sexualmente transmissível. Maria então confessa que já tinha sido desvirginada por um homem que a ameaçou. É a partir desse suposto defloramento realizado por outro homem que não o seu raptor, que se desenrola os fatos. Aqui percebemos as dizibilidades e visibilidades que são construídas em torno de Maria. Mas, também em torno do amor. O que era necessário para iniciar uma vida a dois? Quais os sentimentos que motivaram o rapto de Maria na indisponibilidade de sua irmã? São algumas das questões que pretendemos analisar.

Ao passo que tentamos nos aproximar dessas relações, percebemos o quão essas experiências são complexas. Maria Luiza pode ter consentido a fuga baseada no medo e o receio em não encontrar ninguém disponível para realizar matrimonio, uma vez que dentro daquela sociedade poderia ser considerada "perdida" tendo em vista que não era mais virgem, Luiza poderia desejar um casamento, mas dentro dos padrões estabelecidos poderia não conseguir vivenciá-lo.

As escolhas poderiam ser construídas por interesses por razões que estão para além do que era normatizado, fugir com o ex noivo da irmã pode nos parecer estranho, para tanto dentro daquelas circunstâncias tinha um sentido. Por exemplo, o que poderia significar para uma moça desvirginada viver em Cajazeiras naquele período? Quais os sentimentos a motivariam a ser raptada pelo ex noivo de sua irmã? E quais as relações ali poderiam estar presentes?

Em nenhum momento ambos deixam transparecer em seus depoimentos que já mantinham uma relação enquanto existiu um compromisso entre Antonio preto com a irmã da ofendida, para tanto não podemos também desconsiderar que essa relação já não existia antes do pedido de casamento ter sido recusado pela irmã da ofendida.

Percebemos que na fala de Maria existia confiança em Antônio preto, uma vez que essa foge com esse e fica hospedada na casa de outra família da confiança do seu raptor enquanto aguardava o casamento, sem demonstrar nenhuma preocupação em uma possível negativa do seu raptor em desistir do casamento, percebemos assim que essa relação se montou em troca de interesses que estão para além do sentimento amoroso no sentido romântico da palavra.

O fato de Antonio preto desfazer o casamento ao saber que Luiza já não era mais virgem também nos faz perceber o quanto esses valores morais eram valorizados dentro da sociedade Cajazeirense. O mesmo se percebe com relação ao fato de Maria Luiza esconder este fato, ou seja, este só vem á tona após esta adoecer demonstrando mais uma vez que Luiza tinha os seus interesses em não revelar essa história

E o que falar do caso que envolve diferenças sociais, como o de Raimunda Paulino de Sousa também em 1932? Ela, o pai e a irmã fugiam da pobreza e da miséria quando chegaram à Cajazeiras. Raimunda foi trabalhar como doméstica na casa de Lima e diz ter sido seduzida por promessas de uma vida melhor e presentes. A história ainda conta com um amigo vingativo que faz tudo para incriminar Lima. Entre denúncias e acusações, Raimunda muda a sua versão afirmando que queria apenas que Lima casasse com ela já que não era mais virgem.

As implicações dessa história são muitas. Segundo Caulfield (2000), nos casos pesquisados por ela no Rio de Janeiro nenhum dos 19 patrões acusados de crime sexual

contra empregadas domésticas foi condenado. Ainda segundo Caulfield (2000), o pequeno número de queixas contra os patrões parece referir-se à nítida desqualificação dos depoimentos das empregadas junto à justiça. Já em 1898, Viveiros de Castro alertava os juízes para não acreditarem em tudo que as empregadas falavam, pois era questionável se elas acreditavam de fato na promessa de casamento de um patrão, principalmente se este fosse de elevada classe social (CAULFILD, 2000, p. 296).

Quanto aos sentidos empreendidos nessa história, nos colocamos a pensar: Quem era Raimunda? Quais sentimentos poderiam estar presentes em sua trajetória de vida? O que poderia ter motivado as suas escolhas? Estas são algumas questões que propomos pensar.

Raimunda era pobre e retirante, que poderia ter encontrado na oportunidade de emprego uma forma de melhorar de vida, Raimunda aparece nessa história como uma pobre coitada que poderia ter sido seduzida por promessas, mas que também poderia ter se utilizado da situação em seu proveito ao perceber em seu patrão um homem rico. Não buscamos aqui saber o que de fato Raimunda fez, mas entender os sentimentos nessa história.

Raimunda é costurada por inúmeros discursos, que demonstram a sua condição de vida, viver nas condições em que a nossa personagem se apresenta na história não parece nada fácil. Raimunda vivenciava o medo da fome, da miséria e do incerto, e porque também não dizer o desejo de compartilhar valores que para ela, e nas condições em que vivenciava não poderia ser possível. Provavelmente uma menina que circulava nos espaços públicos de Cajazeiras, que não vivia sobre a vigilância da mãe e que não tinha quem a acompanhasse nas suas saídas, não poderia ser bem vista.

Marta Abreu Esteves (1989) Explicita muito bem isso, quando em seu Livro "Meninas Perdidas", ela discute que as moças que andassem sozinhas, e que não vivessem sobre o olhar vigilante da mãe em um espaço considerado higienizado pelos valores sociais higienistas, seria mal vista perante a sociedade.

É pensando nas prováveis circunstâncias que a personagem vivenciou, que passamos a imaginar quais os sentidos podem estar postos na relação travada por Raimunda e Lima. Interesses não falta de ambos ao lados para essa relação, a existência de um possível casamento com Lima pode ter passado a cabeça de Raimunda, sair da sua atual situação e poder melhorar de vida pode sim ter acontecido, como também Lima poderia ter pensado em trocar favores já que Raimunda encontrava-se em uma situação social e econômica bem inferior a dele.

A relação amorosa para este caso está muito mais próxima da satisfação pessoal de ambos os lados, Raimunda pode ter se encantado como deixou transparecer em seu depoimento com os presentes de Lima, com a sua bondade traduzida nos seus gestos e ate nas suas promessas, como a do casamento, pode ter se apaixonado pelo que Lima poderia lhe fornecer e proporcionar.

É possível assim, associar os sentimentos de Raimunda a sua condição social. Nesse caso, ambos poderiam pensar nessa relação enquanto espaços de interesses, o que não descarta os sentimentos e as relações de poder já que Raimunda volta atrás de sua denúncia e assume ter inventado toda a história do romance.

Temos também o caso de Anália de 15 anos que também acusa o patrão Patrício Barroso por ter seduzido por meio de promessas. Este caso se passa no ano de 1940, na cidade de Cajazeiras - PB. Anália é deixada pela sua mãe que alegando não ter condições de manter a filha, pede para que a esposa de Patrício mantenha -a em sua casa, em troca esta faria os serviços domésticos. Algum tempo depois a mãe de Anália vai até uma delegacia e acusa Patrício por deflorar a sua filha.

Outro processo que nos encaminha para uma análise que envolve interesses, sociabilidades e sentimentos foi o defloramento de Francisca no ano de 1935 em Cajazeiras no sitio catolé. Amâncio era um homem casado, vinha de outra cidade para administrar uma fazenda. Inicialmente é bem recebido pela família de Francisca que permite o namoro. Depois do defloramento, cuja narrativa reforça a inocência de Francisca e a violência de Amâncio, o casamento seria a única possibilidade, se ele já não fosse casado.

Estas historias, nos permitiram ainda problematizar os lugares determinados para o masculino e o feminino, notando o quão esses são subscritos por um discurso que agencia e determina lugares. Para pensar essas relações a discussão, pautada a partir das relações de gênero é fundamental, ajudando-nos a pensar e a trabalhar com determinados conceitos como o de gênero. Joan Scott em seu célebre texto "Gênero: uma categoria útil de análise histórica" mostra o quanto as categorias feminino e masculino são amplas, e problematiza ao afirmar que o termo gênero enquanto uso analítico de significações deve ser utilizado politicamente, uma vez que a produção dos discursos que determinam lugares e identidades, está presente nos espaços institucionais.

> [...] "homem" e "mulher", são ao mesmo tempo categorias vazias e transbordantes ; vazias porque elas não tem nenhum significado definitivo e transcendentes; transbordantes porque, mesmo quando parecem fixadas, elas contém ainda dentro delas definições alternativas negadas ou reprimidas.(SCOTT, 1989; s/p)

Em meio a essas discussões existe um entendimento do quanto o gênero é um termo amplo, cheio de significações, intrinsecamente ligado às relações de poder. Nesse caso, o gênero rompe com a explicação binária macho/fêmea para explicar as identidades sexuais, estas seriam resultado dos confrontos político-sociais. Logo, o interesse é saber como as sociedades constroem representações sobre essas diferenças. A conclusão da autora recai nas práticas discursivas, disseminadas nas mais variadas formas e instituições, produzindo verdades vivenciadas como universais legitimando a desigualdade de gênero.

Engel, (2000) no artigo – "Paixão, crime e relações de gênero (Rio de Janeiro, 1890-1930)", questiona a existência de uma suposta identidade feminina que desconsidere as diversidades culturais e sociais. A autora ainda alerta para as especificidades dos valores que permeiam as relações amorosas dos segmentos populares. No entanto, a presença comum de determinadas falas nos processos-crime analisados pode indicar estratégias de defesa ou até mesmo a "existência de certos valores referenciais comuns", mas vivenciados de acordo com as diferenças socioculturais que caracterizam uma dada sociedade num dado tempo.

Pensando nessa discussão sobre os valores e sentimentos que permeavam as relações amorosas e como essas relações eram acionadas nos discursos da justiça e consequentemente nos processos-crime percebemos que o ideal de amor romântico aprendido e difundido socialmente não era o mesmo compartilhado ou vivenciado nesses crimes de "amor".

Há situações em que os envolvidos, desenvolvem relações consideradas socialmente impróprias, como visto nos casos de homens casados que se envolviam com meninas solteiras mais jovens e pertencentes a segmentos sociais diferentes, em vínculos que parecem significar oportunidades de mudança de vida, principalmente para as mulheres. Em geral são homens e mulheres comuns, trabalhadores, comerciantes, donas de casa, vendedores, proprietários e agricultores envolvidos em escolhas e decisões com o poder de mudar as suas vidas.

Desta forma, nesses crimes percebemos práticas, costumes e valores morais que são compartilhados, mas que em alguns momentos se distanciam das regras e normatizações institucionalizadas. São apropriações, maneiras de ser e de se perceber em uma sociedade permeada pela disciplinarização dos sentimentos e do corpo.

REFERÊNCIAS

CAULFIELD, Sueann. **Em defesa da honra:** moralidade, modernidade e nação no Rio de Janeiro (1918-1940). Campinas – SP: Edtora da UNICAMP, Centro de Pesquisa em História Social da Cultura, 2000

CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano:** vol. 1. artes de fazer. Petrópolis, RJ: Vozes, 1994.

ESTEVES, Martha de Abreu. Meninas perdidas: Os populares e o cotidiano do amor no Rio de Janeiro da Belle Époque. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1989.

ENGEL, Magali Gouveia. **Paixão, crime e relações de gênero (Rio de Janeiro, 1890-1930).** Revista Topoi, Rio de Janeiro, nº 1, 2000.

GRINBERG, Keila. A história nos porões dos arquivos judiciários. In: PINSKY, Carla Bassanezi; LUCA, Tânia Regina de.(Orgs.). O historiador e suas fontes. São Paulo: Contexto, 2009. P. 119-139.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. **História cultural.** 2ª. Ed. Belo Horizonte: Autêntica 2004.

_____. **Fronteiras da ficção** - diálogos da história coma literatura. Coimbra: Faculdade de Letras, 2000, p.38-9.

_____. **Sensibilidades:** escrita e leitura da alma. In: _____, e LANGUE, Fréderic (orgs) Sensibilidades na história: memórias singulares e identidades sociais. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2007.

SCOTT, Joan. Gênero: uma categoria útil para a análise histórica. Disponível em: <http://www.dhnet.org.br/direitos/textos/generodh/gen_categoria.html>. Acesso em: 15/05/2016.